

Bancos resistem ao programa de Baker

23 OUT 1985

Linda G. Baker

ESTADO DE SÃO PAULO

WASHINGTON — O plano do secretário do Tesouro James Baker de concessão de US\$ 20 bilhões em três anos aos países da América Latina já está esbarrando em dificuldades criadas pelos bancos. "Não participei de nenhuma maneira desse plano", disse Orville Crowler, presidente do Texas First National Bank, um pequeno banco de Houston.

Gerardo Van Tienhover, vice-presidente do Mellon Bank, uma das grandes instituições financeiras, com sede em Pittsburgh, afirmou que os bancos terão dificuldades para explicar aos seus acionistas os novos créditos e muitos perguntarão por que dar mais dinheiro a países que não estão sequer pagando os juros dos empréstimos anteriores.



Arquivo

Um plano de US\$ 20 bilhões

Entretanto, o presidente da Reserva Federal, Paul Volcker, fez um apelo em favor da proposta de Baker durante a assembléia anual da Associação Bancária dos Estados Unidos. O que se propõe — disse Volcker — é um aumento de apenas 2,5 a 3% nos créditos à Região, "o que é um índice muito inferior à expansão dos empréstimos no final da década passada e princípios da atual". Nessa assembléia, em Nova Orleans, que reúne os representantes dos cem mais importantes bancos dos Estados Unidos, Volcker disse que todos se "sairão melhor" se cooperarem com o plano de Baker.

Os grandes banqueiros, porém, disseram que o plano não terá êxito se não contar com a adesão dos pequenos bancos. Thomas G. Labrecque, presidente do Chase Manhattan Bank, disse que se os "pequenos bancos não participantes são poucos o plano pode seguir adiante, mas se constatarmos que são muitos, não há mais nada o que falar". O plano de Baker, além de recomendar a concessão de US\$ 20 bilhões em créditos comerciais, também defende um aumento de US\$ 9 bilhões nos fundos do Banco Mundial e do Banco Interamericano de Desenvolvimento Econômico (BID).

MUDANÇAS

Os créditos estariam ligados a mudanças econômicas internas, como a abertura dos mercados e medidas contra empresas estatais ineficientes. "Felizmente — disse Volcker — estes são os passos que os novos dirigentes da América Latina, seus novos governantes democráticos, afirmaram repetidamente que desejam dar." O problema da dívida externa da América Latina, acentuou Volcker, "é parte integrante da estabilidade financeira" dos Estados Unidos. Para John McGillicuddy, presidente do Manufacturers Hanover Trust, o plano de Baker "marcha por bom caminho". Os grandes bancos privados têm maior interesse no plano, pois já emprestaram à América Latina US\$ 230 bilhões.

MÉXICO

Na Cidade do México, é aguardada uma missão do FMI para a discussão de um novo acordo, que deverá ficar pronto antes do encaminhamento ao Congresso do orçamento de 1986. A delegação também discutirá a concessão de um crédito de emergência de US\$ 300 milhões para ajuda aos trabalhos de reconstrução da Cidade do México, parcialmente destruída por terremotos. Em Caracas, o ministro da Fazenda, Manuel Azpúrua, disse que os compromissos que a Venezuela está para assumir com seus credores externos "podem ser cumpridos sem deixar para segundo plano as necessidades do país".